

Para restaurar sentidos de comunidade: “poiethesis”, política, solidariedade

Alice Fátima Martins

UFG (Universidade Federal de Goiás), CNPq, Brasil

Palabras clave: comunidade, poiethesis, poética da solidariedade

Introdução

Vem de uma longa jornada, na sociedade contemporânea ocidental, a construção do sentido de individualidade se sobrepondo às complexas construções do sentido de comunidade. Em relações permanentes de tensionamento, a figura do indivíduo, seus desejos e urgências, têm sido colocados em contraposição às construções compartilhadas do comum. Mais que isso, o comum comparece, no mais das vezes, como fonte de opressão, repressão, negação, quando não atraso e obsolescência. Neste texto, a proposta é avançar um pouco nessa discussão, tendo em vista o campo das produções sensíveis, da ordem da poíesis e da aesthesis, compreendidas como duas dimensões indissociáveis, daí a proposta do termo “poiethesis”, nos processos de sentir, fazer e pensar de modo compartilhado.

Comunidade e sociedade

No pensamento sociológico, os conceitos de comunidade e sociedade apontam concepções contrastantes em que se opõem o arcaico e o moderno, o afetivo e o racional, o sagrado e o secular. Essa oposição é herdeira do projeto renascentista europeu de superação da visão teocêntrica que prevaleceu durante a Idade Média daquele continente. Embora o Renascimento não seja um momento linear e homogêneo, demarcou o esforço inicial para redimensionar os modos de estar no mundo, buscando a centralidade da figura do homem (assim, no masculino). Assim, organizam-se modos de pensar, de produzir conhecimento, de organizar o mundo social, de perceber e explicar o mundo a partir de uma perspectiva antropocentrista e, mais que isso, instaurada a figura do indivíduo, que até então não havia comparcido como unidade social.

No campo artístico, não por coincidência, é criada a perspectiva linear, em que cada indivíduo constitui os seus próprios pontos no horizonte para onde correm as linhas de fuga. Compreende-se, assim, que cada indivíduo tem uma percepção única do mundo, a partir do ponto de vista em que se encontra, irrepetível, singular. Do mesmo modo, os artistas se descolam do sentido de produção coletiva, fosse nas guildas, nos liceus, para evocar para si a dimensão de autoria individual, autoral, autônoma, para traçar suas produções narrando as grandes conquistas das elites e das instituições hegemônicas, detentoras dos poderes econômico e político. Lado

a lado, fazendo parte do mesmo processo, desenvolvem-se linhas de pensamento científico, filosófico, bem como os meios de produção, a economia e a organização da vida em sociedade.

Em 1893, o sociólogo Émile Durkheim publicou o livro intitulado *Da divisão do trabalho social* (Durkheim, 2010), no qual define como solidariedade mecânica o modo com as sociedades denominadas por ele como pré-modernas organizavam sua produção de vida, em contraponto à solidariedade orgânica que caracterizaria as sociedades modernas, marcadamente industrializadas. Para o autor, a noção de organicidade estava ligada ao modo de vida na sociedade industrial, pela interdependência nos papéis sociais cumpridos pelas pessoas, em suas funções especializadas. Ele reconhecia nessa interdependência entre as funções cumpridas pelos indivíduos a força de coesão social, o que não observava nas sociedades pré-modernas, onde os vínculos eram mais da ordem moral, assentados na tradição e não necessariamente nos modos de divisão, ou fragmentação das forças de trabalho e produção.

O autor envidava esforços para analisar o modo de organização das sociedades a seu tempo, com a expansão das cidades, o crescimento do processo de industrialização. Nesse processo, não conseguia evitar as contaminações dos discursos pelo domínio da razão, do pensamento científico e do progresso, nos quais a sociedade ocidental assentava a economia capitalista e o pensamento liberal. Nesse contexto, as sociedades denominadas por ele como pré-modernas compareciam como arcaicas, sinônimo de atraso, incapazes de descortinar novos horizontes.

No âmbito dos estudos antropológicos, grupos étnicos em comunidades continuaram a ser o principal recorte de estudo, mas abordados sempre como exóticos, outridades disponíveis para serem estudadas, analisadas à luz do pensamento moderno, aquele que sustenta a sociedade industrial.

No campo das artes, as produções da ordem do sensível realizadas por essas comunidades também foram sistematicamente desqualificadas, denominadas de artesanato, artesanias, práticas de menor valor cultural, estético e monetário. Consideradas não-arte, como a crítica exercida por Colombres (2005), em seu livro *Teoría transcultural del arte*. Nesses termos, o sistema da arte se constituiu uma ampla e rede complexa que envolve financiadores de projetos artísticos, mecenas, colecionadores, artistas, teóricos, historiadores, críticos e filósofos da arte, projetos educativos, livros didáticos, ensino da arte, leilões, salões, bienais, centros culturais e outros aparelhos culturais. Essa rede define, a partir de interesses monetários e políticos, a produção passível da chancela de obra de arte, ou produção artística.

Nesse contexto, o modelo das relações que prevalecem é o da sociedade constituída pela modernidade, que reforça as individualidades no exercício de seus diferentes papéis e funções, cabendo ao artista o processo de criação, nos termos passíveis de aceitação pelos critérios e protocolos do sistema da arte, em projeções individuais.

Na análise proposta por Durkheim (2010), a centralidade é dada à forma de organização e divisão das forças de trabalho, descartando-se as partilhas no âmbito do simbólico, as memórias comuns, dos valores, dos afetos. O sistema da arte se constituiu nesse território, tendo essa mesma referencialidade, ainda que, no mais das vezes, evocando discursos disruptivos ou críticos.

Comunidade como forma de resistência

Contudo, fora do território europeu, outros modos de organização da vida humana resistiram a despeito dos violentos processos de colonização deflagrados. Muitos deles conseguiram preservar a vida coletiva tendo como pauta a partilha do comum. E mesmo nos grandes centros urbanos industrializados, muitos segmentos populacionais organizaram-se e continuam se organizando coletivamente para lidar com os desafios, com as ameaças, de modo compartilhado, em pequenas comunidades que, não raro, existem à revelia até mesmo da figura do Estado.

Nesse sentido, têm sido cada vez mais recorrentes as constatações do papel da retomada do sentido de comunidade para o enfrentamento de todos os problemas resultantes do pensamento europeu moderno, pretensamente pautado por uma pretensa racionalidade, que tem no indivíduo seu principal refém. A pensadora italiana Sílvia Federici (2022) trabalha com a perspectiva de que a noção de comunidade esteja vinculada ao que é comum, os recursos, as práticas, o que pertence e é de uso coletivo. Assim, a terra, a água, o alimento, os saberes, os fazeres diversos fazem parte desse contexto. A organização da vida a partir desse princípio aponta um caminho possível para o enfrentamento à voracidade do capitalismo. A autora ressalta, ainda, o papel central das mulheres nesse processo: as mulheres, sistematicamente apagadas da História da Arte e do rol de pessoas pensadoras e articuladoras da vida em sociedade.

Poiesthesis e poética da solidariedade

Isso posto, é necessário indagar onde, ou de que modo se organizaria a arte, alguma arte, nessa perspectiva do compartilhamento, da partilha do comum, da comunidade. Para iniciar qualquer reflexão nessa direção, urge, também, perguntar de que arte se trata. Walter Mignolo (2019), ao discutir as possibilidades de uma estética, ou uma *aesthesis* decolonial, adverte para o fato de que a noção de arte traz, atrelada, toda a percepção de mundo eurocêntrica. E lembra que o próprio termo *estética*, assim como *poética*, foi tomado no âmbito da filosofia da arte para construir os discursos que fundamentam e justificam os princípios dessa prática. É nessa direção que o autor propõe a referência de *aesthesis* e *poiesis*, como termos mais amplos, que em alguma medida preservam os princípios de se deixar impactar pela experiência com o mundo e a ele responder com processos de criação e recriação desse estar no mundo, em comunidade.

Vale lembrar também o apontamento de Dewey (2010) a respeito da arte como experiência, argumentando que os processos de sentir, perceber e sistematizar o estar no mundo não dissociam as dimensões de *aesthesis* e *poiesis*. Ou seja, os processos de criação se entrelaçam com a percepção do que sucede à vida. Nesse sentido, propõe-se, então, o neologismo *poiesthesis*, para se referir aos outros modos de sentir, pensar, fazer, experimentar as dimensões sensíveis, simbólicas da vida, pautadas pelas relações entre as pessoas.

Propõe-se, então, a noção de Poética da solidariedade, para articular todas essas questões (Martins, 2022). A noção de *solidário*, desde sua etimologia, aponta a qualidade do que seja sólido, que ofereça base de apoio. Exercer a solidariedade não

implica em filantropia, ou caridade, mas em se compreender como parte de uma rede de relações e implicações mais ampla, sem a qual não se sobrevive individualmente. Além disso, exige a compreensão das reverberações que toda ação individual tem nessa rede de relações, resultando em seu fortalecimento ou esgarçamento. Já a noção de poíesis aponta os processos de criação, os fazeres, ação em processo. A poética da solidariedade, assim, busca assinalar processos de criação pautados por princípios éticos assentados nas relações de pertencimento, no respeito ao comum, na partilha, nos (des)encontros. O que exige disponibilidade para transitar nas diferenças, nas divergências, abertura para negociar. E isso é também da ordem do político, ou seja, da criação de espaços nos quais se discutam questões comuns, para que sejam negociadas tomadas de decisão da ordem da poiesthesis.

Assembleias

A vida em comunidade requer espaços nos quais se discutam e viabilizem os modos de operacionalizar o comum. Podem ser as festas, os folguedos, os jogos, as celebrações, os cuidados. As assembleias. Nas experiências coletivas entremeadas no contexto urbano, muitas formas de organização social têm nas assembleias o espaço preferencial para debater as questões que afetam às redes de relações e pertencimentos. Elas podem funcionar como territórios abertos, dos quais todos tomam parte, manifestando-se, defendendo posições, e nos quais, as decisões tomadas são acatadas pelo todo, tendo-se em vista os princípios do que é solidário e ético.

No âmbito do trabalho acadêmico universitário, os eventos científicos têm experimentado um esgotamento que reflete, dentre outros vetores, a pressão por produção e a ênfase no individualismo. Assim, espaços que seriam para o encontro e o debate do pensamento científico acabam por atender a exigências quase burocratizadas de apresentação de trabalhos sobre pesquisas em andamento, como pré-requisito para sua publicação, o que autoriza a inclusão do registro no portfólio ou no currículo. As discussões a respeito do pensamento em processo de construção, dos papéis da pesquisa para o contexto social, as dimensões políticas de tais ações são postergadas.

Romper com as apresentações individuais, para abrir um território múltiplo, preñhe de tensionamentos, nos quais as perguntas implícitas nas investigações seriam compartilhadas de diferentes maneiras, foi uma das bases para a organização das assembleias durante a realização do VIII Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, realizado pela Facultad de Artes, da Universidad de la República, em Montevideo, em agosto de 2025.

Faculdades de Artes, bem como outras instituições de formação artística, integram o complexo sistema da arte. Mas, ao mesmo tempo, podem alavancar espaços em que se cultivem o comum, abertos ao encontro na diversidade, à polifonia. Assim, as assembleias configuraram territórios do qual tomaram parte pessoas que trabalham com pesquisa, portadoras de inquietações, perguntas, desejos, medos, motivações. Ali, foi possível fazer emergir, mais do que questões e linhas de investigação, as forças motrizes que levam as pessoas a se debruçar sobre essas questões, e as possibilidades de diálogos entre contextos diversos, quantas vezes divergentes.

Mais que isso, as estratégias para as manifestações buscaram, mais do que a palavra escrita ou verbalizada, o gesto, a corporeidade, as cores, as linhas,

os tecidos, as sonoridades, as relações entre espaços e tempos. Desse modo, as dinâmicas de trabalho propiciaram operar sobre o comum, a partir das percepções e impactos dos processos sobre as pessoas, evocando possibilidades de recriação das relações, pautados por princípios éticos, da poiesthesis. Territórios assim configurados não são fechados, acabados. Ao contrário, sua potência está na natureza da incompletude, nas frestas por onde se podem projetar utopias em comunidade. Em tempos de guerra, intolerância, desesperança, urge que se multipliquem essas territorialidades.

Referencias

COLOMBRES, Adolfo. **Teoría transcultural del arte**: hacia un pensamiento visual independiente. Buenos Aires: Del Sol, 2005.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. São Paulo: Elefante, 2022.

MIGNOLO, Walter D. Reconstitución epistémica/estética: la aesthesis decolonial una década después. **Calle 14**: revista de investigación en el campo del arte 14(25), 2019. DOI: <https://doi.org/10.14483/21450706.14132>

Alice Fátima Martins

Professora Titular da Universidade Federal de Goiás UFG. Docente no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, FAV/UFG. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq. Sendo professora, aprende mais do que ensina. Sendo pesquisadora, desaprende o que antes acreditava saber. Supondo ser artista, ocupa-se com reinventar histórias, rebordar memórias, conversar com araras, racontar as árvores do cerrado.